

## FOLHETOS DE CORDEL, UMA PRÁTICA EDUCATIVA QUE MOTIVA DIÁLOGOS INTERCULTURAIS

Patrícia Cristina de Aragão Araújo<sup>i</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba

### RESUMO:

Neste artigo objetivamos mostrar o cordel como construtor de visões de mundo e de cultura, que tem um potencial educativo, visto que, além do papel social e cultural que exerce, através dele, aprende-se e se ensina. Através do cordel, é possível educar. Dessa forma, como educação e cultura se constituem elementos fundantes e essenciais para o entendimento da sociedade, o cordel participa desse processo, educando e contribuindo para a construção de conhecimentos a partir de diálogos interculturais.

**Palavras-chave:** Educação; Cordel; Interculturalidade; cotidiano; cultura.

## BROCHURES OF CORDEL, AN EDUCATIONAL PRACTICE THAT MOTIVATES CROSS-CULTURAL DIALOGUES

### ABSTRACT:

In this article our objective is to show the cordel as constructor of world vision and culture, and that it has an educative potential, respecting, beyond the social and cultural paper it exerts, people learns and teach using the cordel. It is possible to educate using it. In this way, education and culture are basic and essential components for the comprehension of the society, the cordel participates in this process, educating and contributing for the construction of knowledge starting from intercultural dialogues.

**Key-words:** Education; Cordel; Intercultural; Daily; Culture

### Introdução

O presente estudo se propõe a compreender a importância do cordel como meio de aprendizagem, mostrando que através dele é possível educar, tendo em vista que no âmbito da interculturalidade, o cordel promove diálogos interculturais motivando a aprendizagem no espaço escolar.

Buscamos entender, por meio dos indícios e pistas observadas em folhetos de cordel, como estes se apresentam como significativo conteúdo de ensino e aprendizagem a ser utilizado no contexto educacional. A investigação sustentou-se no aporte metodológicos da etnometodologia, tendo os métodos etnográfico e indiciário como elementos norteadores da pesquisa. Foi, portanto, a partir dos trabalhos de Alain Coulon e de estudos propostos por Raúl Fonet-Betancourt, Paulo Freire, e Carlo Guinzburg, que referenciamos nosso trabalho.

No território dos cordéis, entrelaçam-se saberes que tratam do cotidiano, da cultura e da identidade cultural de nordestinos e nordestinas, que mantêm diálogos interculturais

que permeiam a região Nordeste, vivificam a cultura popular dessa região e que devem ser discutidos no campo educacional. Em seus folhetos, o poeta de cordel dialoga com outras culturas e materializa esse diálogo, utilizando versos e rimas que dão forma aos seus escritos.

Entretanto o que torna o cordel um gênero singular é o fato de que ele parte de um saber popular para construir outros saberes, isto é, como expressão de um saber popular, o cordel revela que homens e mulheres nordestinos, mesmo em face das dificuldades de condições de vida, muitas vezes adversas, não perdem a sensibilidade, o olhar para a vida.

Por isso, poetizam, de forma magistral, nos folhetos de cordel, uma realidade social quase sempre árida. E, mesmo diante dessa aridez, conferem uma estética própria a sua arte, mostrando que, na cultura do cordel, é possível falar da epopéia de vida, muitas vezes ressequida de nordestinos e nordestinas, sem perder a beleza do fazer poético.

Através do cordel, o poeta põe em relevo desde as agruras do povo nordestino, que se materializam através da fome, de tensões sociais, de pobreza e de dificuldades de condições sociais, até a riqueza artística e cultural, imanescentes ao povo da região.

Mesmo diante das adversidades, o poeta de cordel não perde de vista sua sensibilidade poética, o que lhe permite inventar e reinventar, no texto cordelino, o que percebe no mundo social e o que compreende dele, de modo a levar ao seu público os dilemas que nele existem, sem, no entanto, deixar de imprimir aos versos uma beleza estética.

## 1. Cordel e educação

A literatura de cordel, enquanto prática social e cultural, propicia, no âmbito educacional, a construção de conhecimentos que podem ser aplicados na educação básica. É também um meio de problematização de questões sociais e culturais concernentes à história cultural e social nordestina.

Isso significa dizer que esse gênero textual colabora para que o educando problematize situações que se passam no mundo social e tenha a capacidade de se posicionar diante das situações do cotidiano.

Outra vantagem que o cordel pode trazer para a prática educativa é que pode atuar como um instrumento de incentivo à leitura, devido ao seu caráter de ludicidade, o que pode ser um impulso para a criatividade do educando. Portanto, a prática da leitura de cordel veicula modos de ensinar e formas de aprender que, no processo de ensino e aprendizagem, adquire efeitos de sentidos sobremaneira significativos para a aquisição de conhecimentos.

Se a sala de aula consiste num espaço de produção e aquisição de conhecimentos, a experiência de ser educado pelo cordel é significativa na educação básica, sobretudo para o incentivo para a produção de textos, a partir de temáticas que são abordadas em seu conteúdo.

Sabemos que a educação está passando por uma fase de grandes desafios e, por isso, muitos dos profissionais que estão ligados a essa área estão em busca de meios que possam contribuir para melhorar a qualidade do ensino. E um desses caminhos é a motivação. Para atingir esse objetivo, sugerimos o folheto de cordel, que pode ser empregado como um elemento motivador da aprendizagem das disciplinas escolares, pois é um gênero literário de grande potencialidade, dada a sua perspectiva educativa, sua comunicabilidade e seu teor informativo.

Na formação cultural brasileira e, em particular, na nordestina, o cordel continua trazendo grandes contribuições, levando a todas as culturas um saber que circulariza. Nesse sentido, Guinzburg (2001, p. 23) assim se expressa: “entre cultura doutra e cultura popular, costuma existir uma relação circular. Essa circularidade emerge de uma maneira que não me parece ter sido notada”.

Guinzburg (2001) concebe que a cultura é circular, porque congrega em si uma rede de relações. Isso significa dizer que diferentes formas culturais podem empreender interações entre si e que, nas culturas, existem inter-relações que colaboram para que haja trocas de saberes e relações entre elas.

Para esse autor, não existe uma relação hegemônica entre as culturas, mas uma interação e um intercâmbio na forma pela qual uma cultura, com seus elementos pontuais, interage com outras, mantendo um relacionamento circular, por meio do qual ocorrem níveis de influência.

Portanto, a existência da circularidade entre culturas se processa no cotidiano, e é no cotidiano que se vivifica. Se tomarmos a escola como lugar de produção de saberes, tomamos também esse espaço como de circularidade cultural e das diversas possibilidades daí existentes, tanto no intercâmbio entre os sujeitos aprendentes de culturas e traços culturais e hábitos diferenciados quanto de aferição de modos de aprender e de valores que são apreendidos a partir do contato existente entre culturas diferentes no espaço escolar, estabelecendo o que Guinzburg (2001) coloca como relação circular.

Se, na escola, é possível verificar a relação entre culturas diferenciadas, no cordel, a relação circular ocorre quando, além do saber do qual ele é oriundo - o popular - dialoga com outras culturas e saberes, o que, sob nosso ponto de vista, reitera as proposições guinzburguianas da circularidade cultural, pois, ao ser introduzido na escola, o cordel permite ao educando essa possibilidade de dialogicidade com outros saberes e culturas, importantes na aquisição dos conhecimentos que serão fundamentais para o aprendizado.

Para a produção de seus folhetos, o poeta parte, geralmente, de observações, de questões que dizem respeito tanto ao microssocial quanto ao macrossocial, mas é nas questões relativas ao microssocial que repousa grande parte de sua análise, uma vez que ele busca conhecer como os sujeitos sociais constroem suas próprias normas de vida nas múltiplas atividades diárias exercidas.

Para tanto, leva em consideração não só a dinâmica da vida concreta, objetiva dos membros do grupo social, mas também os aspectos relativos à dinâmica da vida interior, observando valores e sentimentos, denunciando as mazelas sociais e enaltecendo a cultura popular (COULON, 1995; GUINZBURG, 2001).

## **2. Pensando a interculturalidade a partir do cordel: diálogos possíveis na educação**

Vivemos num mundo mestiço de múltiplas identidades e culturas, por isso há necessidade de se reconhecer a diferença e a voz do Outro em sua alteridade, abrindo em relação a ele vasos comunicantes notabilizados pelo diálogo, e a interculturalidade torna firme essa nova maneira de pensar o mundo, as culturas e, sobretudo, a educação.

Diante da complexidade cultural que o panorama mundial apresenta, a proposta de interculturalidade emerge e se insere nos preceitos de uma filosofia intercultural, que consiste num novo modo de reflexão filosófica proposta pelo filósofo latino-americano Raul Fornet-Betancourt (2004, p.13):

Por interculturalidade compreende-se aqui não uma posição teórica, nem tampouco um diálogo de/e/ou entre culturas (ou neste caso concreto, um

diálogo entre tradições filosóficas distintas) no qual as culturas se tomam como entidades espiritualizadas e fechadas; senão que interculturalidade quer designar, antes, aquela postura ou disposição pela qual o ser humano capacita para, e se habitua a viver “suas” referências identitárias em relação com os chamados “outros”, quer dizer, compartilhando-as em convivência com eles. Daí que se trata de uma atitude que abre o ser humano e o impulsiona a um processo de reaprendizagem e recolocação cultural do qual nos fazemos culpáveis quando cremos que basta uma cultura, a “própria”, para ler e interpretar o mundo. [...] interculturalidade é experiência, vivência da impropriedade dos nomes próprios com que nomeamos as coisas. Ou, dito de maneira mais positiva, é a experiência de que nossas práticas culturais devem ser, também, práticas de tradução.

As relações interculturais propiciam o fortalecimento da identidade cultural de diferentes sujeitos sociais e permitem que eles dialoguem entre si, incentivando o respeito e a convivência mútuos entre grupos étnico-culturais distintos e procurando dinamizar a relação entre as famílias, a comunidade e a escola.

A interculturalidade é um processo inter-relacional que tem articulação com as diversidades e as diferenças. Ela reconhece o significado da identidade cultural e volta para a valorização da diversidade existente dentro dessa identidade. A proposta sob a qual se assenta a interculturalidade é que sujeitos sociais diferenciados e grupos sociais diversos devem e podem dialogar e interagir entre si.

Tal atitude visa promover o reconhecimento da diversidade cultural de diferentes grupos sociais, além de propiciar que relações interculturais sejam estabelecidas em ações educativas, já que a valorização dos sujeitos sociais, em suas subjetividades, diferenças e identidades híbridas, faz parte do campo teórico da interculturalidade, a qual abarca todas as facetas da vida humana e favorece o fluxo de inter-relações sociais entre pessoas e grupos sociais de diferentes culturas e origens (FORNET-BETANCOURT, 2004). Efetiva-se no processo de comunicação entre membros de culturas diferentes tendo, como tônica, o respeito a essas diferenças.

A proposta das relações interculturais é construir espaços de encontro e de diálogo, uma aliança entre saberes e seres, sentidos e práticas distintas. No estudo aqui proposto, argumentamos que nos textos cordelinos, o poeta de cordel não dialoga apenas com membros do grupo social a que pertence. Ao elaborar o cordel, estabelece relações interculturais com pessoas e grupos de outras culturas, e a sua produção artística circula entre diversas culturas e camadas sociais, quer sejam de elite, quer sejam populares.

O poeta de cordel é um sujeito educativo e intercultural, pois educa pelo cordel e dialoga com diferentes culturas, promovendo, via folhetos, ações educativas. Ele parte alçado num saber popular para dialogar com outros saberes e culturas. Por isso, nós o entendemos como um tipo de educador que, no seu fazer cotidiano, imprime um fazer educativo.

Nesse sentido, é fundamental manter diálogos interculturais, e os cordéis participam dessa dialogicidade, tanto em termos comunicacionais quanto de aprendizagem, intercambiando saberes através da circularidade cultural. Esse intercâmbio favorece a interação social entre diferentes membros de um mesmo grupo social ou de grupos sociais diferentes (FORNET-BETANCOURT, 2004, GUINZBURG, 1987).

Vivemos numa era planetária cujo modelo de desenvolvimento capitalista tem provocado processos globais cada vez mais excludentes que ampliam as desigualdades, sejam elas sociais ou econômicas.

Assistimos hoje à diluição das relações entre seres humanos, visto que, para alguns, elas estão perdendo seu sentido, pois o que se verifica é a potencialização da diferença em detrimento do respeito às liberdades individuais e coletivas. Nesse cenário, a colaboração, a partir da convivência mútua nas formas de como os sujeitos sociais se relacionam entre si, transformou-se, de modo que a própria visão de conjunto vai perdendo sua razão de ser, seu significado.

Levando em consideração esses aspectos, é vital pensar numa educação que, ao invés de possibilitar a criação de arquipélagos de saberes, guetização e segregação dos sujeitos educativos nela inseridos, potencialize seus valores culturais, reconhecendo e legitimando as diferenças sociais, aspirando-a e construindo conexões entre os saberes, pois valoriza a relação entre grupos com diferentes padrões culturais, já que é assentada em valores humanos.

Sendo assim, há necessidade de ressaltar na escola as experiências vivenciadas interculturalmente. Mediatizadas pelo diálogo, elas possibilitam que os sujeitos sociais aprendam a ser mais humanos, no sentido mais amplo que a etimologia da palavra ressalta, humano para com seu Outro, humano em suas práticas culturais e práticas sociais, humano a partir das ações e das práticas educativas (FORNET-BETANCOURT, 2004; FREIRE, 2002).

Para nos tornarmos mais humanos frente aos problemas dos Outros e de como o mundo se apresenta em toda sua complexidade, é mister pensar numa ação educativa que venha fomentar os valores inerentes à condição humana, educando para a formação humana, pois, conforme disse Freire, “O ser humano aprende a ser humano, aprendendo os significados que os outros humanos dão à vida” (FREIRE, 2005, p. 67).

Isso é possível, quando os educadores, numa postura crítica e emancipatória, procuram articular a escola a outros espaços de experiências humanas, articulando novos saberes ao escolar e articulando-se com a comunidade de aprendizagem.

Com esse agir educativo, eles, ao invés de por travas nas janelas de seus olhos, estarão abrindo as janelas para aventar a construção, a partir do olhar que têm da escola e da educação, de um modo geral, de uma sociedade que tenha um significativo sentido humanitário.

Esse é, portanto, um elemento enriquecedor, visto que é um axioma necessário para uma educação centrada nos valores humanos e éticos, educação para a paz, uma educação intercultural. E uma educação que realce os valores humanos deve, portanto, criar meios para a participação dos múltiplos saberes que fazem parte do mundo social, quer sejam pautados no conhecimento científico ou nos saberes da cultura humanística que são alçados no conhecimento popular (FREIRE, 2005).

O cordel apresenta uma diversidade de informações que são frutos dos conhecimentos fabricados no mundo social, no cotidiano e que, apreendidas nos folhetos, multiplicam o arcabouço de conhecimento que os compõe e que eles produzem. Esses conhecimentos, aglutinados à educação escolar, participam como fomentadores da aprendizagem.

A educação pelo cordel não é uma transferência de conhecimento, mas um aprendizado embasado numa ação educativa com fins democráticos. É uma educação com participação que suscita a autonomia dos sujeitos aprendentes, sendo uma forma lúdica de ensino-aprendizagem.

É uma educação inventiva e criativa, um convite ao diálogo feito pelo poeta ao seu público leitor sobre as coisas do mundo e da vida. Isso nos permite dizer que o cordel, além de ser um ambiente educativo e cognitivo, é multidimensional e multifacetado, pois traz as diversas faces da sociedade e da cultura, porque são elaborados a partir de uma rede

de relações de conhecimentos que dão significado ao mundo e à vida e que o poeta, em sua sensibilidade, apreende e interpreta.

Sob nosso ponto de vista, o cordel é um espaço de construção de conhecimento, em que os saberes são socializados, em que o público leitor tem também acesso aos saberes que ele produz e participa de seu saber-fazer, através da leitura e da compreensão dos folhetos.

No espaço escolar, no âmbito do contexto educativo, as múltiplas visões de mundo que perpassam os folhetos podem produzir experiências educativas significativas, visto que elas possibilitam a integração e conexão entre os sujeitos do conhecimento. Educar, tendo em vista a produção de experiências coletivas, acreditamos, é um importante papel da dimensão educativa do cordel, porque, através dos folhetos de cordel, o saber da experiência ganha sentido (FREIRE, 2002).

Acreditamos, pois, que os poetas não são apenas produtores de poesia. Eles transgridem a isso, pois, ao produzir um folheto, mostram, através do seu fazer, o papel educativo que desempenham, e os folhetos se tornam um importante ambiente educacional devido ao seu conteúdo de aprendizagem, consistindo num rico meio de ensino tanto no campo da educação não-formal quanto da educação escolarizada.

Freire, ao enfatizar que ensinar é uma atividade humana, mostra-nos que o ato de ensinar e aprender sobre o mundo social é fecundado de sentido em diferentes espaços da vida social: “educar é substantivamente formar” (FREIRE, 2002, p. 37). Isso quer dizer que, no sentido freireano, no qual nos ancoramos, ao ensinar, o educador está formando cidadãos críticos, participativos e tolerantes. E nos folhetos de cordel, os poetas abrem o leque de possibilidades que favorecem a essa formação.

Nos folhetos de cordel, o poeta de cordel, enquanto testemunha da história nordestina e brasileira, de modo geral, vem desempenhando, ao longo de seu percurso histórico, um papel de educador, porque retrata a história e o cotidiano regional e nacional. Ele, então, exercita um importante trabalho pedagógico, pois suas produções, os folhetos, denotam a riqueza da ação educativa de que dispõe e ensina, através de um rico conteúdo de aprendizagem que esses poemas revelam e que é importante para a compreensão da realidade social regional, o saber-fazer do nordestino, e do brasileiro de modo geral, e seus dilemas.

Ao motivar o aprendiz, os cordéis constituem um lugar de afloração de debates de acontecimentos que permeiam os contextos sócio-políticos das realidades sociais nordestina e brasileira.

Diante de um mundo diverso culturalmente, em que as realidades sociais são muito complexas, a educação se apresenta como chave para compreensão dessas realidades e das mudanças que nelas se processam.

Vista por essa óptica, podemos afirmar que a educação tem muitos caminhos que devem ser percorridos, tendo-se sempre em vista um aprendizado multidisciplinar, e não compartimentado. Assim procedendo, o educador deve se preocupar em criar, a partir de ambientes educativos, meios que possibilitem aos sujeitos aprendentes a compreensão e interpretação do que se desenvolve em volta deles.

A aprendizagem, desenvolvida nessa perspectiva, visa desenvolver as capacidades cognitivas dos sujeitos educativos e suas habilidades criativas, permitindo que, na aventura do conhecer, eles possam acrescentar novos saberes à constelação de conhecimentos de que dispõem.

O cordel e o poeta, seu construtor, participam na história da educação, e essa participação, que tem sido empreendida numa modalidade não-formal de educar, pode também contribuir, no espaço escolar, para a concretização de uma educação escolarizada.

Assim, considerando a ação do poeta como educativa, realçando sua prática no cotidiano escolar e usando os folhetos como um recurso didático-pedagógico, estaremos notabilizando a condição de educador do poeta popular, cujo trabalho, que realiza através dos folhetos, pode contribuir para uma educação escolarizada, propiciando a construção de cidadãos críticos de sua realidade (FREIRE, 2002).

A educação escolarizada não pode ser pensada sem que se considerem os vínculos culturais e educativos nela existentes, os quais são trazidos tanto pelos educadores quanto pelos educandos e construídos a partir das relações tecidas na escola (GUINZBURG, 1990).

Sendo assim, educar consiste em conviver com as experiências cotidianas, com as identidades plurais, com as diferenças. Por isso, fala-se muito em educação inclusiva, que insira os diferentes saberes, as diversidades culturais e as identidades, mesmo diante de um mundo cuja realidade prima por uma exclusão social cada vez mais forte e campeia a vida das pessoas, dos grupos, comunidades e das sociedades.

Nesse sentido, uma educação que elabore uma proposta que contribua para a inclusão social e que promova a construção de uma sociedade menos excludente é essencial, propiciando, assim, uma prática pedagógica alicerçada numa pedagogia fomentadora das liberdades individuais e coletivas de cada sujeito social em suas identidade e diversidades culturais.

No entanto, vivemos hoje sob a égide de uma sociedade onde a globalização estende seus reflexos e influências sobre todas as esferas da vida humana. A esfera cultural e a educacional não ficaram à parte desse processo, visto que a globalização elasteceu e agudizou as desigualdades sociais, tanto entre continentes, em países, quanto em nível regional e local, e trouxe reflexos para a educação. Diante desse ambiente globalizado, onde o global e o local não podem ser pensados separadamente, é imperioso pensar numa prática educativa, centrada nas heterogeneidades apresentadas pela escola.

Ao se pensar a escola em suas múltiplas dimensões, deve-se levar em consideração que educar não é transmitir conhecimento nem acumular informações, mas permitir que, através do ato educativo, o educando tenha uma experiência significativa de aprendizagem. O ato educativo implica uma relação dialógica com o educando, em que se estabelecem laços de interação, e o educando passa a dar sentido ao que aprendeu.

A escola recebe, em seu corpo discente, pessoas oriundas de grupos social e culturalmente diferenciados, mas que, dependendo da prática educacional desenvolvida no espaço escolar, cujos processos educativos privilegiem o diálogo e a integração entre diferentes, reconhecendo suas heterogeneidades, é possível a eminência do intercâmbio cultural entre os grupos, e essa mediação é feita através do diálogo. Nesse sentido, o educador, cuja prática pedagógica trabalha centrado numa perspectiva de educação intercultural, reconhece a escola e a sala de aula como um espaço de ressignificação de conhecimentos e de aprendizado mútuo.

Pensar a educação escolar como um todo homogêneo é dirimir as diferenças de raças, cor, etnia, religiosidade, gênero e cultura nela existentes. Entendemos que pensar uma educação escolarizada, em que educação e cultura exerçam um papel fundamental na compreensão da realidade social, é fundamental, pois, desse diálogo entre elas, resulta a realização de práticas educativas que procuram auxiliar na compreensão dos desafios existentes no mundo atual.

Nesse cenário, o que se busca é uma prática educativa que possa favorecer o encontro cultural entre diferentes sujeitos sociais, e, desse modo, promover relações de solidariedade e respeito mútuo, através de uma convivência pacífica pautada numa educação voltada para o respeito aos valores éticos e para a valorização das complexidades

dos sujeitos humanos e de suas práticas sociais e culturais. Essa postura parte do princípio de que cada sociedade e cada cultura criam formas de convivência no mundo.

Por isso, no âmbito da educação, não se pode ignorar o educando com suas singularidades e diferenciações sociais. Caso a escola aja assim, estará co-participando da criação de processos de exclusão. Portanto, a educação, ao invés de criar ambientes propícios para o alargamento do diálogo com as diferenças, tende a elasticar as problemáticas existentes no campo educativo e, ao invés de diluir as fronteiras, cria mecanismos para fortalecê-las.

Freire (2002) chama a atenção para sermos seres responsáveis quanto à prática educativa, porque ela deve estar pautada em compromisso com o Outro, no sentido de um ensinar crítico e reflexivo que estabeleça autonomia, liberdade e que torne possível, através do diálogo entre educando e educador, uma educação emancipadora. Partindo dessas premissas, é possível levantar o seguinte questionamento: Como o educador, na sua relação com o educando, pode estabelecer e propiciar essa educação? De que modo, na perspectiva da interculturalidade, o educador pode propiciar uma prática educativa dialógica?

Inicialmente, é necessário pensar como se estabelece o saber escutar no ato de ensinar. No geral, o que se percebe, na maioria das escolas, é que há educadores que não costumam ouvir o educando, e a relação entre eles, nesse sentido, dá-se em unilateralidade, pois, onde se exclui o diálogo, a educação se estabelece de forma unilateral, sem a participação do educando.

Freire (2002), ao discutir a importância que existe no ato educativo do saber escutar de ambos os sujeitos aprendentes, no sentido de se olhar para o outro e se respeitarem, coloca também que escutar o educando é importante porque se aprende com ele e a partir dele. O diálogo aí permite o encontro comunicacional entre seres humanos que podem aprender mutuamente. Isso quer dizer que, na prática cotidiana da escola, o saber escutar é necessário para que o educador tenha sensibilidade de entender o seu educando a partir de sua fala e, assim, possa aprender com ele sobre sua historicidade, seus conhecimentos.

Para Freire (2002), esse respeito é fundamental porque, quando as diferenças são respeitadas, é possível trilhar caminhos que criem laços entre educador-educando, pois eles são sujeitos do conhecimento. Na relação entre eles, quando se estabelece o diálogo, verifica-se uma troca: “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário ao aluno, em uma fala com ele” (FREIRE, 2002, p. 128).

Uma relação educativa alicerçada pelo diálogo colabora para que a aprendizagem possa fluir de maneira a estimular e despertar no educando o gosto pelo aprender:

A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. É exatamente esta permanência do hoje neoliberal que a ideologia contida no discurso da “morte da História” propõe”. Permanência do hoje a que o futuro desproblematizado se reduz (FREIRE, 2002, p.161).

Então, educar com enfoque na interculturalidade é um meio de focalizar esses aspectos e prima pela interação/integração dos sujeitos aprendentes, possibilitando que essa interação/integração flua no ambiente cultural, nas relações sociais, nas sociabilidades, como também no campo das subjetividades, porque a educação também é formadora de caráter e, vista pelas lentes da interculturalidade, permite que o ensinar e o aprender no ambiente escolar desenvolvam uma convivência pautada no aprendizado mútuo, no respeito e no estabelecimento de vínculos de solidariedade e amizade.

É preciso, ainda, reconhecer que as realidades inerentes às relações humanas são, muitas vezes, pautadas no conflito e no enfrentamento, e que o diálogo intercultural favorece a iminência de laços que venham dirimir o estreitamento entre povos, pessoas, grupos e comunidades, permitindo que a paz não seja uma referência ou utopia, mas algo a ser vivenciado, tendo em vista um mundo multifacetado e a culminância da multiplicidade cultural nele existente (FORNET-BETANCOURT, 2004).

Analisar a educação sob esse prisma é mostrar que a escola, ao invés de empreender mecanismos de exclusão, deve promover uma educação participativa e democrática. Até pode parecer utópico, mas essa educação e essa escola são possíveis.

Para tanto, é preciso haver o diálogo e a ressignificação do próprio papel da escola, que deve se tornar uma escola cidadã, que estimule a participação de todos: pais, educandos, educadores, funcionários, além dos demais membros da comunidade.

Além disso, as metas e ações dessa escola devem ser direcionadas para uma convivência democrática, propiciando a construção e o diálogo de saberes, permitindo a incidência de processos educativos que estejam voltados para o enriquecimento das capacidades dos sujeitos aprendentes quer sejam elas individuais, em grupo, comunidade ou sociedade.

Ao produzir conhecimentos sobre a história e a cultura da sociedade nordestina e também brasileira, o cordel é um rico material didático que favorece o ensino-aprendizagem nas disciplinas escolares, tendo em vista seu teor pedagógico, além da linguagem e da forma como aborda questões inerentes a essa realidade.

Desse modo, o ensinar e o aprender ganham contornos através dos folhetos, visto que as experiências humanas, culturais e sociais obtêm neles relevância. Ao empreender essa ação educativa, os folhetos possibilitam a iminência de uma prática pedagógica alçada em conhecimentos que permitem ao educando compreender o mundo social e suas mudanças. E o poeta, como testemunha da história social e cultural nordestina e produtor de conhecimentos, é um educador, que empreende uma prática educativa através da forma como trata os conteúdos nos folhetos, como discute e se posiciona muitas vezes criticamente sobre questões importantes e inerentes à realidade sócio-cultural brasileira, articulando isso de maneira didática.

Noutras palavras, podemos dizer que o significado educativo do trabalho do poeta popular toma corpo e se materializa nos folhetos, a partir do momento em que, ao dialogar com seu leitor sobre os acontecimentos atinentes ao mundo vivido, ele imprime, nessa dialogicidade, um conteúdo educativo, motivando uma pedagogia do encontro.

## Referências

COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FORNET-BETANCOURT, R. **Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. São Paulo: Vozes, 2005.

GUINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

\_\_\_\_\_. **O queijo e os vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **Olhos de Madeira:** nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

---

<sup>i</sup> Doutora em Educação.

e-mail: [patriciacao@yahoo.com](mailto:patriciacao@yahoo.com)

Artigo recebido em: 03/03/2008

Aprovado para publicação em: 15/05/2009